

RESUMO - EIXO TEMÁTICO 1 - PAISAGEM CULTURAL: UM CONCEITO EM DISCUSSÃO E SUAS TIPOLOGIAS - PAISAGEM E GEOGRAFIA / PAISAGEM E ARTE / PAISAGEM E ARQUEOLOGIA / PAISAGEM E AMBIENTE / PAISAGEM E PATRIMÔNIO / PAISAGEM URBANA E PAISAGEM CULTURAL / JARDINS HISTÓRICOS E PAISAGISMO / PAISAGENS RURAIS, INDUSTRIAIS E DA MINERAÇÃO / CATEGORIAS DE PAISAGEM DA UNESCO E SUA APLICABILIDADE / ROTAS E ITINERÁRIOS CULTURAIS.

PAISAGENS DA DOR: ESCRAVIDÃO, TRAUMA E SILENCIAMENTO NOS CENTROS HISTÓRICOS BRASILEIROS PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE (OLINDA, SALVADOR E SÃO LUÍS).

Francisco Phelipe Cunha Paz (phelipecunhapaz@gmail.com)

A categoria de paisagem cultural é consolidada pela UNESCO na década de 1990, quando passa a adotar a paisagem como categoria do patrimônio mundial, propondo uma leitura integrada entre as obras do homem e da natureza. No entanto, no contexto dos centros históricos brasileiros de matriz marcadamente afro-atlântica — Salvador, Olinda e São Luís —, tal conceito tem sido historicamente instrumentalizado para ratificar um regime de memorialidade (MICHELI, 2010) que privilegia a estética monumental colonial luso-brasileira em detrimento das memórias traumáticas da escravidão. Assim, esta comunicação discute o conceito de "paisagem cultural" da UNESCO à luz do "patrimônio difícil" (MENEGUELLO, 2017). Analisando os processos de patrimonialização dos sítios de Salvador, Olinda e São Luís, investiga-se como o Discurso Patrimonial Autorizado (SMITH, 2006) produziu "sujeitos ocultos" (KROPF, 2015), omitindo o trauma da escravidão em prol de uma estética

colonial e operou um silenciamento ativo (TROUILLO, 1995), convertendo portos de tráfico e locais de suplício em "cenários pitorescos", gerando o que Marcos Queiroz (2024) define como os "assombros" da nação. A metodologia consiste na análise documental dos dossiês de candidatura e relatórios de consultores da UNESCO. Propomos, assim, a introdução da categoria de "Paisagem Cultural da Dor ou da Violência". Esta tipologia visa conferir legibilidade aos sítios de "patrimônio difícil", onde a configuração espacial não pode ser compreendida sem o reconhecimento do trauma, da violência racial, do confinamento e da morte. A Paisagem da Dor foca na dissonância. Ela reconhece que portos, praças e sobrados são arquivos de uma violência estruturante que o regime de memorialidade monumental tentou neutralizar. Defende-se que a institucionalização de uma "Paisagem Cultural da Dor" é urgente para o campo do patrimônio, pois permite que o valor universal excepcional de um sítio não seja medido apenas pela beleza arquitetônica, mas pela sua capacidade de testemunhar a violência estruturante e fundamentar o direito à memória e à reparação das populações afro-diaspóricas. Esta categoria nos permitiria entender como grupos sociais têm construído ações que transitam de uma "estética da celebração" para uma "política da verdade", reconhecendo que a paisagem cultural das cidades, hoje sítios patrimônios da humanidade, antigos portos escravistas é, intrinsecamente, uma geografia de resistência onde os sujeitos ocultos reclamam o seu direito à memória e à verdade no presente.

Palavras-chave: paisagem cultural; patrimônio difícil; escravidão; patrimônio mundial.